

# O ensino de Geografia como uma hermenêutica instauradora

Nelson Rego  
Dirce Maria Antunes Suertegaray  
Álvaro Heidrich

Professores nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia,  
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Correio eletrônico: Dirce Suertegaray – suerte.ez@terra.com.br

Correio eletrônico: Nelson Rego – pggea@if.ufrgs.br

Correio eletrônico: Álvaro Heidrich – lica@adurgs.ufrgs.br

## Resumo

O artigo apresenta-se estruturado através de um diálogo para melhor comunicar a dimensão dialógica sobre a qual ele reflete, que é a rede de práticas desenvolvidas nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no que se refere à relação geografia/educação em práticas extensionistas. A geografia e o ensino de geografia são propostos como uma hermenêutica, no sentido de que uma hermenêutica pode ser entendida como um sistema de conceitos que se definem na relação entre si e que, em seu conjunto, aplicados à análise de um texto, são capazes de enunciar aspectos desse texto inacessíveis a uma leitura restrita ao nível do apenas imediatamente manifesto, sendo que o sistema interpretativo acaba por definir o próprio entendimento do que seja texto, para além do que usualmente entendemos como sendo textos propriamente ditos. Exemplos: os sonhos, as linguagens corporais, a arquitetura. O texto interpretado pela geografia é o espaço geográfico. A geografia e o ensino de geografia são também propostos, mais especificamente, como uma hermenêutica instauradora, no sentido de que a interpretação não encontra apenas um ponto final na interpretação do objeto, mas também um ponto inicial – propositivo, desejante – para a intervenção transformadora na relação com o objeto. Três exemplos diferenciados de práticas são expostos e debatidos.

## Palavras-chave

Geografia – educação – rede dialógica – hermenêutica.

Terra Livre	São Paulo	n. 16	p. 169-194	1º semestre/2001
-------------	-----------	-------	------------	------------------

## Introdução

Este artigo foi estruturado através de um diálogo. Optou-se por essa forma para melhor comunicar a essência do trabalho coletivo sobre o qual este texto reflete: exatamente essa dimensão dialógica, de contínua interseção e retroalimentação transformadora entre diversos fazeres. O diálogo que estrutura este texto toma por experiência recente as reflexões prático/teóricas reunidas no livro *Geografia e Educação: Geração de Ambiências*, produzido no âmbito dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O diálogo toma por experiência corrente as reflexões prático/teóricas em atual desenvolvimento no mesmo âmbito, agora em cooperação direta com a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, buscando promover a interseção *geografia/educação/mundo vivido/pesquisa e ação local*. As três pessoas participantes do diálogo são os organizadores do livro anterior – eu próprio e meus colegas, Profa. Dirce Suertegaray e Prof. Álvaro Heidrich. Somos também organizadores do trabalho em continuação, agora incluídos numa rede maior de organizadores e também de autores/experimentadores de novas práticas.

Estruturado dessa forma, este texto não se apresenta como um artigo convencional. Entre as suas características próprias está o fato de que as referências teóricas são relativas a autores e suas idéias, mas não necessariamente relativas a livros, capítulos ou artigos específicos. Contudo, ao final do diálogo, apresentamos uma lista bibliográfica básica, adstrita unicamente a títulos referenciais dos autores citados, relativamente ao conteúdo do que foi debatido.

## Diálogo

### *Nelson Rego*

Inicialmente, gostaria de expor o que penso a respeito do ensino de geografia como uma hermenêutica instauradora. Os passos que vou seguir são: primeiro, refletir sobre o conceito de hermenêutica; depois, o que seria uma hermenêutica instauradora; então, a caracterização do ensino de geografia como uma hermenêutica instauradora, com algumas exemplificações relacionadas a esse ensino, ou de algumas atividades em educação, em sentido mais amplo, que tenham relação com a geografia.

Cada hermenêutica pode ser entendida como um sistema de conceitos que se definem na relação entre si e que, em seu conjunto, aplicados à análise de um texto, são capazes de enunciar aspectos desse texto inacessíveis a uma leitura restrita ao nível do apenas imediatamente manifesto. O sistema interpretativo acaba por definir o próprio entendimento do que seja texto, para além do que usualmente entendemos como sendo os textos propriamente ditos. Exemplos desses outros textos: os sonhos, as linguagens corporais, o vestuário, os costumes sociais, a arquitetura, as paisagens – cada um desses exem-

plos pode ser transformado em texto interpretado (objeto de leitura) para os sistemas interpretativos que os constituam como objetos da interpretação.

Portanto, o próprio entendimento do que seja texto ou objeto possível de leitura se amplia em função do tipo de hermenêutica com que se trabalha.

Porém, independente disso, se é texto escrito, ou texto no sentido mais amplo, hermenêutica sempre supõe a interpretação de um significado que estaria por trás de um manifesto primeiro. Manifesto primeiro é esse texto tal como ele se apresenta para um primeiro olhar. A hermenêutica sempre supõe uma leitura transversal, através da qual ela encontra outras camadas, para além da primeira camada. Um exemplo clássico disso são as interpretações psicanalíticas dos contos de fadas. Os textos primeiros são aquelas histórias que os contos narram, as aventuras, os enredos, os dramas. A interpretação hermenêutica seria aquela que encontraria símbolos do inconsciente, de dinâmicas do psiquismo por trás dessas imagens, como as de fadas, bruxas, anões, gigantes, e dos enredos que as envolvem.

Temos em comum, então, a existência de um texto primeiro, ou de um texto manifesto, e a interpretação que encontra significados outros, por trás ou imanentes a esse primeiro texto. Hermenêutica seria esse processo de abertura do que está fechado. E, dependendo do sistema da inter-relação dos conceitos que se faz, varia também aquilo que conseguimos perceber como o texto ou o objeto a ser interpretado. Essas são idéias correntes acerca do que seja hermenêutica.

Agora, gostaria de enfatizar uma postura especial, que é aquela que fala em hermenêuticas instauradoras, com essa postura propondo, inclusive, que as hermenêuticas se agrupariam em dois grandes blocos: as chamadas hermenêuticas arqueológicas e as hermenêuticas instauradoras. Quem propõe esse tipo de classificação não é apenas um autor, mas um que ficou, sem dúvida, fortemente assinalado como propositor deste tipo de classificação foi Gilbert Durand. Em seu hoje já clássico livro *A Imaginação Simbólica*, ou no conjunto de sua obra, Durand propõe essa classificação. Hermenêuticas arqueológicas são as que enfatizam o que é anterior, o que é passado a um determinado símbolo, a um texto, ou a um conjunto de símbolos que vão ser interpretados. Um exemplo bastante típico de hermenêutica arqueológica seria a psicanálise, pois ela vê num sonho, num escrito, na linguagem, na narração de um paciente, símbolos que são resultados – sintomas – de uma história anterior. A hermenêutica, nesse caso, é arqueológica porque descobre o que estava soterrado, estava no passado e havia gerado aquele símbolo. As hermenêuticas instauradoras seriam as que têm uma ênfase, ou direção, inversa: elas pegam esse determinado texto, isto é, um conjunto de símbolos, e vêem isso não como um ponto final, um ponto de chegada, mas como um ponto de partida.

Ou seja, a hermenêutica propõe-se ela própria como um agenciamento de futuro, em vez de como uma fixação no passado. Durand propõe como exemplo máximo de hermenêutica instauradora a hermenêutica de Bachelard, com suas poéticas do devaneio, do espaço, dos símbolos cósmicos. Durand fala nessas duas ênfases diferentes que apontam

para caminhos opostos. Numa interessa esse desvendamento analítico de um passado que gerou uma determinada produção, na outra interessa o que essa produção agencia em termos de prosseguimento, em termos de futuro, como uma espécie de programa inconsciente, esboçado naqueles símbolos. Sendo que pode ser o mesmo conjunto de símbolos, ou o mesmo texto que podem ser vistos com ênfases diferentes: pela arqueológica ou pela instauradora. Como exemplo, refiro-me novamente a Durand, quando ele contrasta Bachelard e Freud. Durand refere-se à linguagem literária. Enquanto para Freud a literatura pode ser analisada em termos de um sintoma resultante da vida do escritor e, nesse sentido, Freud vai encontrar os problemas do psiquismo, das neuroses, agindo sobre a feitura da obra literária, produzindo essa obra literária; Bachelard, ao contrário, vai enxergar na obra literária não o passado, não a história do homem que a escreveu, mas um ponto de partida para a instauração de um outro mundo, de um outro tipo de vida, e sua hermenêutica, então, não é tanto uma hermenêutica que procura analisar essa literatura como se fosse uma espécie de fato último, mas sim como um ponto de partida a partir do qual ele próprio, o intérprete, pode continuar a criar outra vida, outro mundo.

Essas duas ênfases, embora opostas, não são necessariamente excludentes. Aliás, na verdade elas devem ser entendidas como complementares, e eu citaria, principalmente, as interpretações de Paul Ricoeur e Gadamer, dois autores que definitivamente não aceitam mais essas dicotomias. Eles entendem sempre que qualquer texto e qualquer conjunto de símbolos é sempre simultaneamente o ponto de chegada de uma história anterior e o ponto de partida de uma história a ser reinventada. E essas duas direções acontecem na medida em que uma reforça a outra, a invenção de uma nova história, de um novo caminho, ajuda na reinterpretação da história anterior, e a contínua reinterpretação da história impulsiona a reinvenção da nova/mesma história. Essas duas ênfases, então, continuamente se interpenetram e se reconstroem dialeticamente.

Gostaria agora de tentar situar o ensino de geografia como uma hermenêutica, tanto uma hermenêutica no sentido mais tradicional como uma hermenêutica no sentido mais instaurador. De que modo vejo a geografia e o ensino de geografia como hermenêuticas? A geografia e o seu ensino, parece-me, também exercem uma interpretação de um texto: ela se depara com um texto primeiro e enxerga, através desse texto primeiro, camadas de significados que não estavam enunciados num primeiro momento. E qual é o texto da geografia? O texto da geografia é o espaço geográfico. Nesse sentido, o texto da geografia é nada mais, nada menos que o mundo, visto sob a perspectiva da contínua construção do espaço geográfico. O espaço geográfico se oferece como um texto primeiro para as pessoas que nele existem, e se oferece como um texto através dos fatos desse espaço geográfico. Por exemplo, as condições de moradia, a estrutura fundiária, as relações de trabalho no campo e na cidade, as relações com o ambiente. São fatos que condicionam a vida de todas as pessoas e as pessoas, então, têm as suas vidas mergulhadas dentro dessa geograficidade – dentro desta geograficidade que existe de fato. E elas vivem esses fatos e têm a sua vida no dia-a-dia influenciadas por eles, por exemplo: o preço que se paga de aluguel

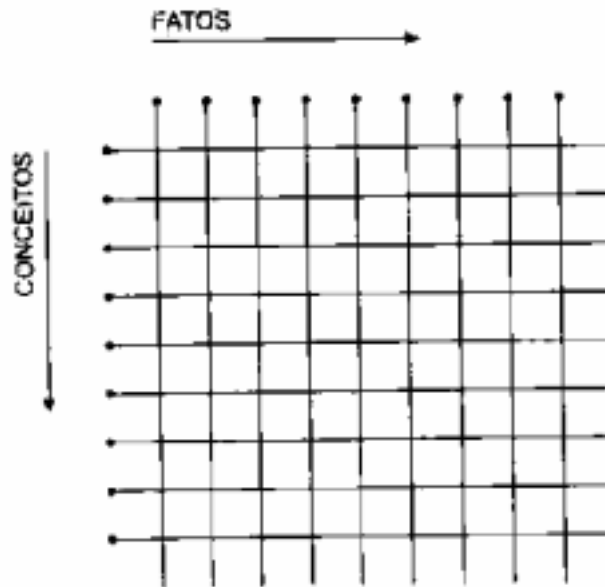
por um imóvel, ou pela prestação da casa própria, o preço que se paga pelo transporte, ou o tempo de deslocamento diário que é necessário fazer até o trabalho. São fatos geográficos que contextualizam a vida de uma pessoa e que influenciam fortemente a sua vida. Assim como os alimentos, o ar que se respira, o silêncio, o barulho etc., e tantas outras condições de vida. Só que estes fatos vividos pelas pessoas, e que eu chamaria de texto primeiro da geografia, podem permanecer sempre no nível desse primeiro texto, ou de texto imediatamente manifesto – esses fatos não são inter-relacionados conscientemente pela maioria das pessoas, no seu dia-a-dia.

O que seria então a interpretação geográfica? Seria exatamente essa hermenêutica, no sentido de que ela tem esse texto primeiro, que é o espaço geográfico, e que por meio de seus conceitos vai relacionando estes fatos. Isto é representado pela figura 1, na qual temos uma coordenada que corresponde aos fatos e que representa uma superfície acessível à percepção de todos, na própria medida em todas as pessoas têm as existências transcorridas dentro de geografias. A segunda coordenada (a perpendicular da figura 1) é a dos conceitos e corresponde a essa interpretação hermenêutica da geografia no sentido de que, por meio elaboração teórica e conceitual, se torna possível estabelecer inter-relações e nexos explicativos entre os fatos e, portanto, níveis de entendimento cada vez mais complexos, com capacidade de articulação entre o particular e o global. A geografia tem feito isso e eu citaria, neste momento, o que me parece uma grande hermenêutica feita pela geografia, o conjunto da obra de Milton Santos, assim como a renovação crítica como um todo, através de todo o seu histórico, seus conceitos e teorias e a evolução de suas explicações, constituindo a interpretação das outras camadas, subjacentes na primeira e aparente camada desse texto que é o espaço geográfico.

Muito bem, quando essa interpretação vai atravessando os fatos geográficos vai também estabelecendo articulações em nível crescente, estabelecendo uma rede de muitos nexos, que procuro representar na figura 2. Essa rede manifesta, então, uma complexidade de inter-relações de toda ordem e que é a complexidade com a qual lida a geografia. Porém, temos aí uma dificuldade: qual o ponto de partida (de entrada) nessa rede para iniciarmos a sua compreensão? Podem ser vários pontos de entrada, mas diante da complexidade nós talvez nos deparemos com aquele paroxismo de entender a ciência como algo impositivo, algo imensamente e objetivamente já dado, alheio a um sujeito, alheio a uma atitude, algo imensamente já dado como um panorama muito difícil de ser compreendido. Essa é uma dificuldade que também está posta para o ensino de geografia. Como é que esse ensino muitas vezes ainda se apresenta? Como algo muito extenso, muito cheio de subdivisões, tendendo, apesar da renovação crítica, àquela famosa figura das gavetas, subdividido em vários compartimentos estanques, e tentando passar por esses compartimentos de uma maneira mais ou menos homogênea, isto é, reduzindo tudo ao descritivo, e aí retrocedendo para a velha aparência da primeira camada, não estabelecendo nexos entre os fatos, não estabelecendo um fio condutor de abordagem.

Figura 1

Os conceitos atravessam a percepção dos fatos,  
articulando-os compreensivamente



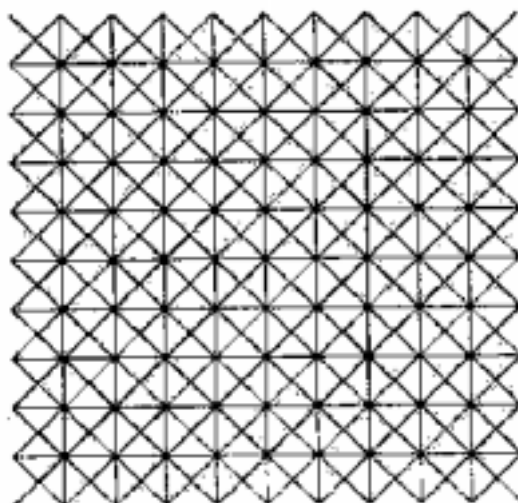
Diante dessa dificuldade sobre os modos de abordar a complexidade é que enxergo uma atitude que me parece emergente no ensino de geografia, que é a entrada nessa rede da complexidade a partir da perspectiva local, ou seja, a partir do mundo mais proximamente vivido, valorizando a pesquisa e a ação locais. Ou seja, a pesquisa local de como o espaço se apresenta muito concretamente em torno de um determinado coletivo de sujeitos. Por exemplo, algumas escolas de assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra ou escolas de orientação comunitária em periferias urbanas. Enfim, diversos tipos de situações semelhantes, nas quais se torna especialmente relevante que a geografia pode ser compreendida e trabalhada a partir dessa perspectiva local. É o que represento na figura 3, na qual temos ainda a primeira grade, mas temos também a espiral ou o vórtice representando a entrada do olhar a partir da visão local, gerando, então, a figura 4, em que tento representar a transformação da grade retangular em grade circular, na qual, no centro, se situam determinados sujeitos sociais, tanto individuais como coletivos, que podem ser exemplificados por aquelas situações que citei anteriormente.

Esse sujeito colocado num centro relativo cria uma espécie de perspectiva hierarquizada dessa rede complexa da geografia. Aquela primeira rede apresentada como um retângulo não apresenta uma porta de entrada evidente, ou seja, uma abordagem evidente. Quando ela é transformada por esse vórtice da perspectiva local, estabelece uma espécie

de hierarquia, ou seja, há um sujeito social que se colocou no centro de sua geografia e, a partir dessa posição, desse centro relativo ocupado por ele, ele enxerga, então, as relações do espaço geográfico articuladas em torno da sua existência concreta. Mas isso ainda não seria o suficiente para resolver o problema da abordagem, de como entrar nessa rede. Porém, já estamos aí a um passo de uma solução. É que este sujeito social que se colocou como centro relativo de uma geografia é sempre um sujeito também inserido em uma história em andamento, portanto há um encadeamento de acontecimentos, e esse encadeamento de acontecimentos, que pode ser chamado de uma perspectiva acontecimental, dará a esse sujeito social a necessidade de certas ações, necessidade que pode se tornar o fio condutor da sua entrada nessa rede complexa da geografia, permitindo, a partir dessa entrada, fazer um percurso no qual ele vai passando pela complexidade, a partir das necessidades postas pela vida cotidiana em que ele está inserido (figura 5).

Um exemplo que acho extremamente elucidativo é o da geografia e da educação em algumas escolas do MST. Como acontece em muitos assentamentos essa perspectiva acontecimental? Eles passam a trabalhar história, geografia, matemática, biologia, ou qualquer outra disciplina que se pense, a partir de suas necessidades naquele momento de sua história. Então, a geografia que é trabalhada pode ser a geografia do próprio assentamento: que área eles ocupam, quais são as características dessa área, quais são os elementos que ali se apresentam, qual a relação entre rios, relevo, suas plantações etc. Essa geografia pode puxar uma outra geografia, que é a da divisão da terra. Como é que esse assentamento se apresenta? Totalmente coletivizado ou com parcelas individuais? Ou como um híbrido semicoletivizado, com algumas parcelas individuais? Existe alguma cooperativa que

Figura 2  
As interpretações estabelecem uma rede cada vez mais complexa (por onde entrar nessa rede?)



trabalha ali? Como é que essa cooperativa trabalha em relação ao uso da terra? Então, nós abordamos aí a geografia da divisão de terra, da grafia da terra, como Carlos Walter Porto Gonçalves tanto enfatiza: geografar – grafar a terra. Isso nos conduz a um outro momento: a compreensão dessa grafia da terra, ou da estrutura fundiária, em termos mais amplos, já inserindo a história do MST na história da agricultura no Brasil, a história da perda da terra, a história do latifúndio associado ao minifúndio, a modernização monopolista da agricultura, as culturas de exportação, os sistemas de financiamento bancário, enfim, os vários elementos que, articulados, geraram no Brasil o processo de perda da terra pelo pequeno agricultor e, portanto, a evasão do campo e a geração de uma grande massa de trabalhadores rurais despossuídos de seu meio de trabalho, a terra. Começou-se pelo próprio assentamento e se conseguiu ir para outras escalas e entender a história da perda da terra no Brasil; isso abre outras perspectivas para o entendimento da dinâmica social brasileira. Mas aí também já fundimos a nossa geografia com a história, a história daquele assentamento: eles já começaram a estudar quando se formou aquele assentamento e, antes do assentamento, de que acampamento ou de que segmento específico do MST eles vieram, que outros lugares seus pais, seus parentes ou seus amigos ocuparam, onde fizeram invasões de terra, quais manifestações políticas realizaram. Passam a compreender a história do movimento como um todo, e essa história do movimento vai se inserindo também na história contemporânea e na história geral do Brasil, sempre sob essa perspectiva da exclusão social, da diferente apropriação do espaço por diferentes classes sociais.

Figura 3

O olhar pela perspectiva local gera uma nova transversalidade e um vórtice que reconfigurarão o desenho perceptivo da rede (figuras seguintes)

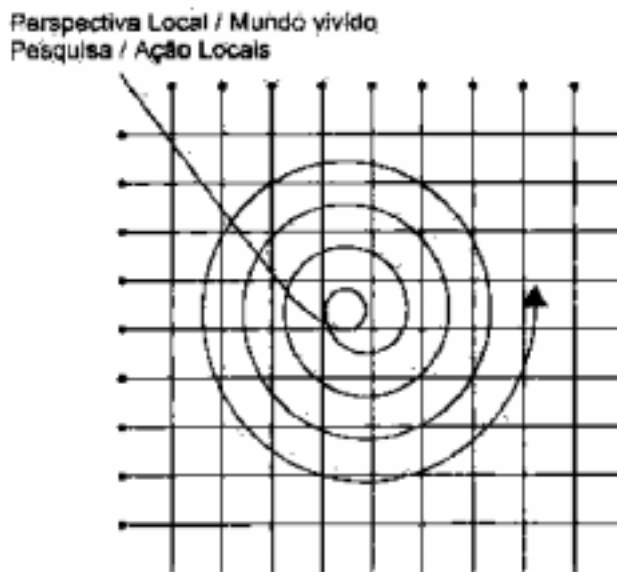




Figura 4

Um sujeito social (coletivo/individual) coloca-se como um centro relativo da rede do mundo, explicitando um olhar.

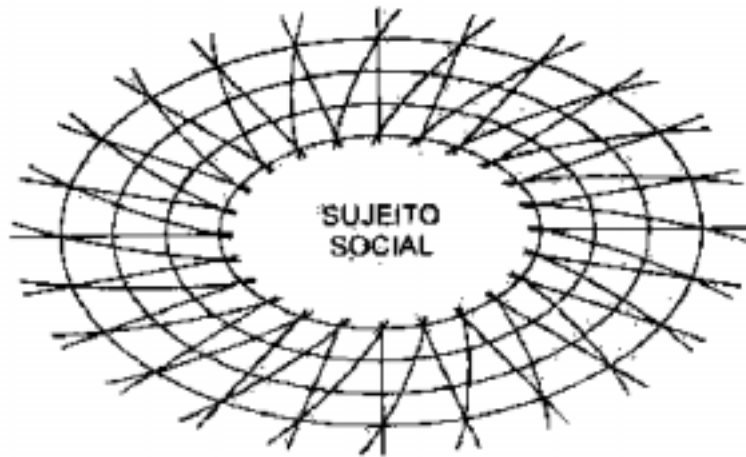
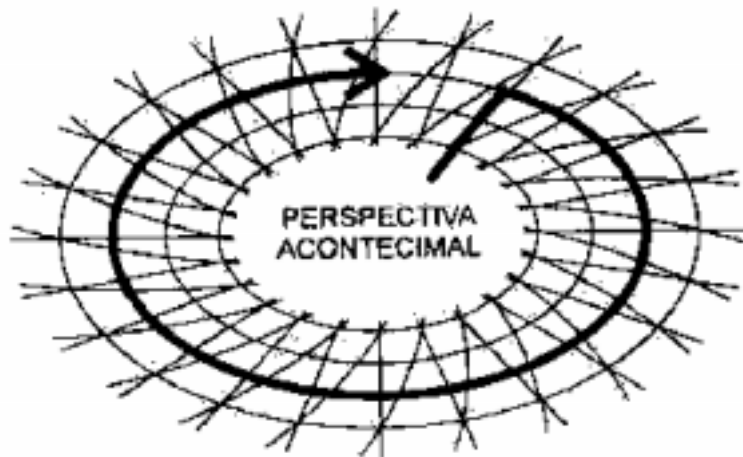


Figura 5

O sujeito social estabelecerá percursos cognitivos e de ação a partir das necessidades de vida postas pelo encadeamento dos acontecimentos, que contextualizam a sua existência naquele momento.



Então, volto a enfatizar, é sempre um conhecimento que vai se ampliando, mas que o faz de maneira articulada a partir daquela perspectiva acontecimental decorrente da perspectiva local, relativa tanto ao espaço como ao encadeamento de acontecimentos que, naquele momento, se apresentavam como portadores de necessidades de compreensão e de ação por parte dos educadores e educandos envolvidos naquele lugar e naquele momento. A mesma coisa pode acontecer em relação à biologia. Por exemplo, como entender as espé-

cies vegetais e animais que ali se apresentam? Com quais eles lidam? Como são suas práticas agrícolas? Isto se abre para conhecimentos que extrapolam o próprio local. Ou a matemática aprendida a partir da atividade agrícola: o cálculo da colheita e, depois, o cálculo dos juros bancários ou do balancete de compra e venda de insumos e produtos. Uma matemática concreta também relacionada a essas questões de vida das pessoas envolvidas e também sempre tendo por ponto de partida esta perspectiva acontecimental, e que sempre pode abrir níveis crescentes de entendimento. Penso que é muito importante enfatizar que escolas que têm esse tipo de postura também têm um índice muito maior de sucesso quanto à efetividade da escolaridade dos seus alunos, relativamente a eles acompanharem as séries, conseguirem chegar a se formar no ensino fundamental, ou até irem adiante, ao contrário das escolas que, com uma postura mais tradicional, que não pensa a partir da perspectiva das necessidades dos educandos, apresentam via de regra índices grandes de exclusão escolar.

Outro exemplo que gostaria de expor de perspectiva acontecimental é muito próximo nosso aqui na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trata-se da experiência que acompanhamos de educação especial para deficientes visuais, muitas vezes completamente cegos, ou com visão bastante deficitária. Essa perspectiva também parte das necessidades deles, portanto dos acontecimentos da vida cotidiana desses alunos que, muitas vezes sem recursos socioeconômicos, seriam levados à exclusão escolar. Aqui temos exemplos, através de duas pesquisadoras nossas no Mestrado, a Dariane Rossi e a Catarina Deggeroni, sobre como conseguir reverter esse quadro de exclusão, trabalhando a partir dessas necessidades especiais. A Dariane e a Catarina começam a trabalhar as necessidades desses alunos em sala de aula por meio da criação de recursos especiais para a inclusão escolar deles, assim como pela escolha de temas em geografia que são os mais pertinentes para a realização dessa proposta. Por exemplo, já que existe a necessidade de trabalhar sempre muito com a adaptação do visual para o tátil, elas vão escolher, num primeiro momento, aqueles temas da geografia geralmente ligados ao que chamamos de geografia física e que são mais facilmente trabalhados nessa transposição do visual para o tátil, permitindo a inclusão desses alunos e criando uma série de novos recursos. Uma vez garantido este primeiro momento, ele se desdobra numa série de conseqüências práticas, como por exemplo aumentar a coordenação motora desses alunos, desenvolver sua capacidade de se deslocar no espaço, tanto o espaço dentro da escola como o espaço externo à escola e, nesse sentido, já abrindo outras perspectivas de vida para eles, outras expectativas, dando-lhes uma maior segurança e já colocando para eles a expectativa de se inserirem no mercado de trabalho. A partir dessas conquistas, a Dariane e a Catarina podem ir gradativamente avançando nos temas da geografia, e começam a trabalhar com temas mais abstratos, que já não necessariamente se restringem a essa transposição do visual para o tátil. Elas podem, então, começar a trabalhar temas mais reflexivos, discussão de questões sociais, políticas – questões que sempre têm uma conotação essencial com a discussão do espaço geográfico. Nesse sentido, vão avançando na construção da cidadania de seus educandos.

É importante enfatizar que, nesse momento, em que elas conseguem incluir esses alunos dentro da sala de aula regular, eles também são valorizados pelos seus colegas que têm uma visão normal, porque é o próprio ensino de geografia que se tornou mais prazeroso e mais compreensível, e de maior conteúdo prático. Os alunos de visão normal passam a apreciar mais esse ensino e, por extensão, a valorizar de um modo diferente os seus próprios colegas que antes, às vezes até por um aspecto externo diferente e pelas suas dificuldades, eram vistos com certo preconceito. Também é um exemplo que me parece que se insere nessa perspectiva acontecimental, que é capaz de transitar pelo conjunto dos conceitos geográficos, mas tendo por ponto de partida as necessidades do cotidiano daquele grupo específico e que fornecerão um fio condutor para esse percurso em direção a uma escala mais ampla de conhecimento.

Como terceiro exemplo, gostaria de expor o ensino de geografia numa sala de aula regular, sem essas situações bastante especiais de aprendizagem. Gostaria de me referir às escolas que trabalham muito com essa perspectiva do local. Mais especificamente, a experiência que já há alguns anos em andamento em Porto Alegre, que é a das escolas cicladas e que procuram ter uma pedagogia freireana que explicita a valorização da realidade local e do mundo vivido mais proximamente. As escolas cicladas procuram, no início de cada ano, levantar temas geradores com a comunidade. E quando eu digo a comunidade quero dizer bem mais do que os alunos da escola: todo o bairro ou vila onde essa escola se insere. Fazendo questionários, entrevistas, dialogando com a população, com os pais, com os moradores, com as associações de bairro, vendo quais são os temas que essa comunidade gostaria que a escola trabalhasse com seus filhos. Construindo, assim, essa perspectiva local e, a partir dos acontecimentos que se apresentam naquele momento, a partir, então, da fala da comunidade, essas escolas procuram trabalhar esses temas propostos pela comunidade. Muitas vezes adotando como recurso destacar determinadas falas literais, a respeito de como a comunidade falou de seus problemas, e devolvendo essas falas para a comunidade, ou colocando aquelas frases como sendo a sinalização que norteará a ação da escola naquele ano. Valorizando portanto exatamente isso: a fala da comunidade – tal como ela foi dita, quer dizer, colocando a citação textual da comunidade, selecionando alguma determinada frase.

Cito como exemplo a experiência que me é relatada por outra de nossas alunas aqui no Mestrado, que é a Gisele Laitano que na sua escola, no bairro Restinga aqui em Porto Alegre, junto com outros professores levantou os temas da comunidade, e a comunidade, entre vários temas, destacou sobretudo o problema da violência e das drogas, dizendo que aquela é uma vila muito violenta pela presença dos traficantes e por toda a violência que decorre do tráfico de drogas e do uso de drogas, inclusive o controle da vila por traficantes. A comunidade manifestou que a escola de alguma maneira deveria abordar esse assunto. Foi selecionada uma frase que dizia “a vila é um centro de drogas”. Essa frase foi transformada na frase/título daquele ano na escola: “a vila é um centro de drogas”. Esse era o ponto de partida, era a perspectiva acontecimental, era o problema local que expunha o

encadeamento de acontecimentos que naquele momento afligiam e chamavam a atenção da comunidade. Como é que isso foi sendo trabalhado durante o ano? Num primeiro momento os professores da escola e a Gisele, particularmente, na sua aula de geografia, procuraram fazer o levantamento dos fatos que comprovavam a vila como um centro de drogas. Isso foi feito por meio das manifestações dos alunos, de depoimentos de pais, de professores, de pessoas da comunidade, dizendo o que elas sentiam sobre isso. Quer dizer, elas puderam ter a oportunidade, enfim, de relatar os fatos do cotidiano, fatos de violência, fatos de intimidação relacionados com essa questão das drogas. Já num momento seguinte, já não é a simples documentação e sim a exposição dessas falas para própria vila que é realizada. Então nós já estamos num momento mais avançado: primeiro foram colhidos os elementos que comprovam uma afirmação, mas depois já está se expondo para a comunidade o discurso das pessoas que se sentem atingidas por essa situação, e que se manifestam contrárias a isto. Então, nesse momento, nós já temos uma espécie de interferência direta sobre a realidade, numa tentativa de alguma mudança dessa realidade. As pessoas têm a coragem de falar, elas começam a falar, elas começam a dizer o que desejam e o que não desejam. Mas não pára por aí.

O terceiro momento é assim: uma vez que se fez essa espécie de catarse do problema, isso abre lugar a uma nova atitude, de não só denunciar o que é problemático, mas introduzir uma nova pergunta – mas será que é só isto que tem na Restinga? Será que não existem outras coisas na Restinga? O que mais tem na Restinga? Afinal algumas dessas outras coisas já tinham aparecido nas falas anteriores. O que são as outras coisas que mostram que a Restinga é um lugar que também tem coisas boas, que gera boas perspectivas para os seus habitantes? Começam a ser destacadas as outras coisas que há na Restinga, que é uma certa vida comunitária ligada às escolas de samba, ligada ao movimento Hip Hop, ligada às próprias reivindicações comunitárias, um certo sentimento de comunidade expresso através do lazer, através de times de futebol, de jogos e de várias formas de sentimento comunitário. Passa-se a destacar que a Restinga é um centro de artes, de criação cultural, de pessoas interessadas em uma série de práticas de vida que não são aquelas práticas habituais relacionadas ao tráfico de drogas e à violência. Chegam ao ponto, até mesmo, de complexificar a questão das drogas, percebendo que, numa certa medida, o tráfico preenche o vácuo deixado tantas vezes pelo poder oficial instituído, promovendo até mesmo um certo assistencialismo em relação à vida cotidiana. Portanto, abre a perspectiva de uma compreensão crítica mais ampla, na medida em que os traficantes ocupam o lugar deixado vago pelo Estado constituído. Isso não se constitui em nenhuma exaltação do tráfico, mas numa denúncia bastante grave do vácuo deixado pelo Estado – a compreensão do problema vai, portanto, se complexificando. Nesse momento, também, já são feitas manifestações daquilo que é positivo na Restinga, como essas manifestações culturais, como essas criações artísticas e como essa vida comunitária que se estrutura em lazer e em busca de reivindicações junto ao poder público. Surge uma nova direção nesse trabalho pedagógico, direção constituída pela pergunta: mas é só a Restinga que é um centro de

drogas? A partir dessa pergunta, parte-se para a geografia do tráfico de drogas em outras escalas. Começa-se a perceber que a cidade inteira é invadida pelas drogas, mas não só a cidade: o país, o continente, o mundo. A Gisele, então, junto com os professores, vai procurar subsidiar os seus alunos com uma série de informações, inclusive quantitativas: quanto é que a droga movimentou financeiramente no mundo atual? Eles descobrem, então, que num cálculo estimativo, e por alto, que a droga no ano de 1991 movimentou uma quantidade igual em bilhões de dólares ao faturamento da maior multinacional do mundo, que é a GM (125 bilhões de dólares; fonte: *Folha de S. Paulo*, 3 de agosto de 1992). Então se percebe numa estimativa, muito superficial (em que tudo indica que, se realmente pudesse ser feito o cálculo mais aprofundado, se verificaria que esses números são ainda maiores), que a droga não é um problema relativo apenas a uma periferia urbana de condições socioeconômicas difíceis, mas um fenômeno mundial, que domina também os países ricos e as classes ricas de países ricos. Portanto, também começam a desfazer a imagem de que a droga é um problema de desajuste socioeconômico das pessoas de sua classe em particular. Eles começam a se perguntar: mundo é este? Que espécie de cultura mundial é esta que está sendo gerada, em que até aqueles que são ricos, em países ricos, também sentem a sua vida tão sem sentido, presas fáceis para o consumo de drogas?

Nesse momento já se desfez a idéia inicial, a auto-imagem negativa que aquelas pessoas tinham a respeito da sua própria vila e do seu meio social. Eles sabem do problema sério, mas sabem que esse problema atinge a outros e, simultaneamente, que há uma série de aspectos muito positivos na sua vila que eles querem passar a valorizar, aprofundando o conhecimento e a vivência desses aspectos. Pode ser iniciada aí uma série de outras geografias, e de outras histórias e de estudos sociais relativos a outros temas, como a música, a arte, a cultura. Outros assuntos que poderão fazer o mesmo percurso: iniciando a partir da perspectiva local, eles poderão alcançar escalas mais amplas de conhecimento, e talvez de ações.

Bom, são esses três exemplos que eu gostaria de expor sobre a perspectiva acontecimental, e que eu entendo como uma hermenêutica instauradora, hermenêutica no sentido de que faz a interpretação mais aprofundada daquilo que se apresenta como um texto inicial, e instauradora porque a sua postura não é simplesmente de compreensão dos acontecimentos passados que geraram uma situação presente, mas uma perspectiva de, trabalhando com a situação presente, agenciar propostas, ações daquela comunidade para, em alguma medida, modificar a realidade vivida por eles.

Para finalizar, penso que temos aí uma confluência de uma série de aportes teóricos. Parece-me que nessa educação feita a partir do mundo mais proximamente vivido é evidente a presença de Paulo Freire. E que nessa geografia como rede complexa é evidente a presença de muitos autores, mas a título de exemplo máximo cito Milton Santos. Assim como o amálgama entre geografia e educação é feito por uma lógica de pensamento complexo, e aí a citação óbvia é Edgar Morin. Assim como é muito presente essa postura ativa, ou intervencionista, essa vontade de querer compreender associadamente com a

vontade de tentar ações, de tentar construir bons lugares, e aí também a citação que me parece que se impõe é a de Guattari, com o seu conceito de ecosofias.

### *Alvaro Heidrich*

Inicialmente acho importante considerar um pressuposto, pois se a hermenêutica, como você propõe, consiste em um sistema de leitura devo aceitar, em princípio, a possibilidade das leituras serem variadas.

Fizeste, ao final da tua exposição, alguns apontamentos que sem dúvida são apoios de grande relevância para a postura de um professor, seja ele de geografia ou de outra ciência. Mas então, pensando sobre isso, se o apoio ao modo hermenêutico de pensar, ou de vasculhar o mundo, pode se consistir em um sistema de leitura, poderíamos pensar então que a aprendizagem é algo equivalente a um certo processo de alfabetização. Alguma coisa nesse sentido. Assim, continuamente em geografia a gente está falando de uma coisa, fazendo uma leitura do mundo, buscando uma espécie de alfabetização para a compreensão de seus signos. Então, você mesmo fez a referência de que o espaço é um texto: estamos continuamente fazendo isso. Bem, a alfabetização se constrói primeiramente através de operações mais elementares, pelo reconhecimento de determinados signos e fonemas que identificam aquilo que efetivamente se fala. Estabelece-se uma conexão que dá a possibilidade de pensar com um certo afastamento dos objetos, quer dizer, a partir de uma representação deles.

Quero enfatizar algo que disseste: tais signos nos aproximam de um pensamento cada vez mais abstrato, à medida que vão ocorrendo assimilações sobre assimilações. Dessa forma, estes signos podem ser vistos por nós como conceitos, como concepções, como significações dos objetos que estão no mundo.

Neste ponto podemos abrir um parêntese para nos referir a esse texto, o mundo, o espaço, o campo propriamente da geografia é um campo de reunir coisas, e disso resulta um diferencial, pois as relações são as mais variadas possíveis e, portanto, não precisam ser exatamente presas a um modo esquemático, engavetado, curricular de se ver a geografia. Assim acho que faz sentido nos dar ao exercício desta reflexão aberta. Tanto é possível como necessário se fazer geografia de modo mais aproximado do meio, da cultura, daquilo que se tem no olhar, digamos, mais próximos de uma atividade laboratorial com o espaço, com o mundo.

Então, conceitos são, na verdade, o nosso elo mais importante, o nosso elemento mais sério, mais significativo de produzir um sistema de alfabetização em geografia. Isto implica não só a palavra em si, mas seus significados, e a partir destes se fazer relações. Quero dizer que o uso do conceito, a produção de uma concepção permite um acesso a um conhecimento operado pela qualificação de mais conhecimento, de adensamento de conhecimento. Se isto ocorre da forma mais simples de se assimilar a observação de algum fato ou fenômeno, ela às vezes se dá como se fosse uma espécie de doença, no sentido de que há uma espécie

de demora no reconhecimento. Por isso afeta, incomoda, prejudica como se fosse um sofrimento até de fato se poder destruir as imagens e as idéias anteriores (atuais, até então), para que rompa uma concepção renovada, diferente da que estaria por prevalecer.

Permitiria, então, pensarmos de fato no axioma da geografia que traz para nós a idéia de territórios, espaços, regiões, lugares que não são coisas paradas, mas coisas dinâmicas. Ele exige de nós uma completa vigília, uma atitude de estar atento, de não necessariamente ter esquemas fixos de que o espaço é esse, por exemplo, bairro, cidade, município, região, estado, país, mundo, mas tantas outras realidades e realizações possíveis. Uma postura de vigília se garante pela contínua revisão das significações, como método. Se não se faz isso, permanece um certo analfabetismo.

Se realmente estivermos preocupados em transmitir um conhecimento do lugar, do espaço, deveremos considerá-lo assim, como um campo de relações, e por isso não se trata de um ser pelo qual podemos ter uma compreensão única ou completa. Nesse sentido, somos ineficientes em termos de vigília se produzimos informações por informações. Para isto bastam os jornais, a televisão, a internet e, cada vez menos, o professor, o sujeito da vigília. Essa situação pode ser vista da seguinte maneira: há um texto, uma representação do mundo e nessa representação estão presentes várias seqüências de palavras, várias seqüências de termos e significados, mas, como não os reconhecemos em plenitude, os vemos como simples palavras. Faz-se a leitura e sua significação escapa, se lê e não se compreende, talvez se compreenda mal, ou minimamente. Se o sujeito que assimila isso é um sujeito razoavelmente “analfabeto”, ele apenas imagina que lê, imagina compreender. Ele até pode achar um texto belo, mas, como haverá aqueles que compreendem de modo muito mais integral e completo, esse sujeito “analfabeto” perde a sua autonomia diante dos demais, ela vai estar obstaculizada.

Penso isso como um indicativo de postura metodológica. Não vou dizer que isso é uma singularidade da geografia, mas veja que para nós é muito importante realizar continuamente leituras, e essa postura deve conter o princípio de que o lugar para o qual a gente olha é o lugar em que a gente está, o lugar que a gente lê é o lugar em que a gente vive e, portanto, exige de nós um certo afastamento disto. O problema é que tal afastamento, para a gente ter o olhar de quem analisa o objeto, quase sempre se dá como sala de aula. E como se dá assim, como sala de aula, produz-se uma imagem transfigurada, alterada do lugar. Quem está no livro e muitas vezes quem está no quadro, ou na transparência, não é exatamente a pessoa que vive. Nesse sentido, acho que se reforça de modo significativo a necessidade de se integrar a noção de espaço vivido com tantas outras noções. E até mesmo para também se conceber o espaço vivido nas mais variadas escalas e se compreender, digamos assim, a queda da bolsa de Seul como fato relativo a nossas vidas e não transformar unicamente a forma de ver o mundo como um recado já pronto em texto e de uma geografia entre quatro paredes.

Acho que o professor de geografia precisa, cada vez mais, ter uma postura de sair da sala de aula, no sentido de produzir uma forma de *afastamento* do mundo indo até ele,

olhando e procurando não se perturbar com as relações que se vive cotidianamente. É preciso ter um modo de olhar para esse mundo que está nele. Esse modo de olhar, penso que não pode ser apenas uma descrição das coisas observadas. Para que nos asseguremos da posse de um sistema de leitura, ele deve ser operado com nossas significações, com os conceitos que a gente elabora, e a partir deles reconstruir as relações. Estas, se feitas na dimensão do lugar, como um estudo do meio, um estudo do bairro, não precisam ficar presas necessariamente a um conceito fixo, tão tradicional, de bairro como o fato objetivo e concreto de ser um pedaço da cidade que tem determinadas características. Ao contrário, torna-se necessário elaborar um conceito de espaço local que incorpore ali as relações vividas e nos permita estabelecer as suas relações com os outros, bem como com os demais níveis de escala.

Nossa contribuição, por meio da leitura do mundo, deve estar ligada a essa idéia de articulação de níveis. Somos indivíduos, temos corpo e o corpo em si já é um elemento do espaço; possui dimensões, massa, sensações e emoções. Em seqüência devemos considerar as relações com objetos, comunidades, lugares de comunidades e, portanto, assegurar a postura de a partir de relações horizontais (territoriais) trazer à leitura a noção de espaço vivido que tu chamas de *acontecimal*. Desde este ponto, seguindo para a incorporação das outras escalas (relações de verticalidade) que compõem uma série infinita de espaços vividos que necessitam tanto das articulações em escala como de noções conceituais adequadas a sua apreensão como agrupamentos geográficos.

Em síntese, compreendo tua exposição nesse sentido: de ênfase no afastamento das coisas tradicionais e de aproximação de nossa atenção para determinados axiomas que são de uma geografia de campo de relações, de reunião de muitas coisas de natureza diferente, reproduzindo-se como representação a condição de espaço em que se vive. Insisto, acho que essa postura precisa de um rompimento com uma determinada condição de espaço, com uma certa *prisão* da tradição de sala de aula, para que possamos trazer o outro espaço, o vivido.

### ***Dirce Suertegaray***

Ouvindo a tua fala/exposição sobre hermenêutica, levanto, para começar a conversar, basicamente quatro questões que, me parece, permitem pensar ou sintetizar o que seja hermenêutica. Primeiro, tua fala deixa claro isto, hermenêutica constitui um método compreensivo e não seria, portanto, um método explicativo como é a característica da ciência de maneira geral. Segundo, a hermenêutica seria, então, um caminho, ou melhor, uma prática de articulação de sujeito e objeto. A terceira perspectiva que vislumbro é a compreensão da hermenêutica como um processo de autoconhecimento, no contexto de um sistema mundo que se auto-reorganiza, eu diria assim, numa dialética entre a constituição de uma forma e a reconstituição desta forma, ou a reforma, nesse constante formatar, desformatar e reformatar. Depreende-se que a hermenêutica permite não só a compreensão, mas a



intervenção. A partir dessas colocações fico pensando nas intervenções que são hoje propostas por uma leitura hermenêutica do espaço geográfico; seriam intervenções diferentes daquelas pautadas pela geografia dos anos 80? Quando falas fica expresso que as intervenções se dão a partir do sujeito no lugar, aqui, especialmente, quando te referes ao ensino. Dito isto pergunto: exatamente porque um dos nossos objetivos é pensar a geografia que está sendo elaborada hoje, em que mudamos?

Nos anos 80, quando nos engajamos numa discussão na perspectiva marxista, aprendemos que se devia fazer a leitura do espaço geográfico para além das aparências, visualizando a essência, esta entendida como as mediações que concorrem para a construção do espaço geográfico. Essas mediações, no meu entendimento, dizem respeito ao que se entende como os determinantes políticos e econômicos das condições materiais e objetivas de nossa existência. Agora, a compreensão hermenêutica nos leva a pensar se seriam estas as únicas mediações, na medida em que a gente pode fazer várias leituras e pensar de várias formas essas questões. Então, nesse sentido nós poderíamos pensar: se há várias possibilidades de leitura, como é que ficam as práticas de intervenção?

As práticas de intervenção a partir da compreensão do mundo hermenêutico são práticas mais individuais, respondem no sentido do eu me reconhecendo no mundo, construindo o meu mundo e o mundo dos outros em relação a mim? Ou poderiam ser também práticas naquela perspectiva dos anos 80, práticas coletivas de transformação social mais ampla? Eu acho que seria importante, talvez, a gente balizar estas duas questões, até para pensar como é que se encaminha a geografia, a partir de uma análise na perspectiva hermenêutica.

Fazendo referência ao ensino, fiquei observando o seguinte: a perspectiva hermenêutica hoje dimensiona uma outra forma de ensinar geografia e, na verdade, é um ensinar geografia que está centrado no conhecer-se, eu diria, é o professor se conhecendo, e se conhecendo através de seus alunos, e ao conhecer-se através de seus alunos reconhecendo um mundo no qual ele e seus alunos estão inseridos. Isto cria e recria uma visão, uma percepção de mundo, uma leitura, uma compreensão de mundo. Essa compreensão de mundo vai promover, digamos assim, novas consciências, possibilidades de transformações a partir daqueles sujeitos que se tornam agentes da transformação. Parece-me, então, que seriam estas práticas o que Guattari chama de construção das novas subjetividades (ecosofia).

Nessa perspectiva, o avanço no ensino da geografia é muito claro, me parece que é possível superar, assumindo uma perspectiva hermenêutica, aquela fase antecedente que é uma fase descritiva do espaço geográfico sem estar nele, e a outra a fase de construção de um discurso que busca as mediações nem sempre estando politicamente envolvido nele, para outra que dimensiona, na construção do espaço geográfico, uma ação política mediada, por outros elementos da nossa condição objetiva de vida expressa pela cultura, pelas nossas formas de viver o cotidiano.

Dito isto, colocaria algumas questões para, talvez, continuarmos a discutir: hermenêutica enquanto compreensão instauradora constituiria um método que caracterizaria a

geografia deste momento, dos anos 2000? Seria uma tendência? Ou nós vivemos uma pluralidade de tendências em que a compreensão hermenêutica seria uma possibilidade de leitura, tanto quanto as outras que já reconhecemos? Eu gostaria de continuar discutindo estas questões.

***Nelson Rego***

Bom, pensando no que a Dirce falou e tentando, a partir disso, voltar ao que o Álvaro disse, eu gostaria de chamar a atenção para o seguinte: quando falo no ensino de geografia como uma hermenêutica instauradora, eu me refiro a uma série relativamente numerosa de experiências que vejo e que me parece se constituir numa tendência emergente, e nesse sentido penso que vai se colocando a possibilidade de se pensar o ensino da geografia como uma hermenêutica instauradora. Agora, isso não significa de modo algum uma espécie de diagnóstico geral, ou uma radiografia que eu faria do ensino de geografia como um todo, até porque eu não teria condições objetivas de fazer isso, de acompanhar o ensino nessa amplitude para poder fazer uma afirmação desse tamanho. Acredito que as práticas de ensino são muito heterogêneas, como tu mesmo te referiste, e dentro desta grande heterogeneidade acho que muitas experiências do ensino de geografia podem ser classificadas como uma hermenêutica instauradora. Quando eu digo uma hermenêutica instauradora, não estou querendo dizer que os professores estejam fazendo isso e dizendo “eu estou fazendo um ensino de geografia como uma hermenêutica instauradora”; é na verdade um olhar meu, através do qual eu interpreto o que está sendo feito e digo que isto coincide com o que se pode chamar de uma hermenêutica instauradora. Não necessariamente que isso esteja nominado por aí, que as pessoas estejam dizendo e assumindo essa designação.

***Dirce Suertegaray***

Então, acho que a questão que permanece é a seguinte: há uma prática que é lida, digamos assim, como uma hermenêutica instauradora no contexto da geografia, mas não necessariamente as pessoas que agem dessa forma têm consciência e percepção de que atuam dessa forma.

***Nelson Rego***

Exato. É isso que estou fazendo. Eu estou, na verdade, propondo que muitas das práticas que estão sendo feitas possam ser chamadas dessa maneira e, espero, chamando essas experiências com esse nome, dar uma espécie de reforço, de impulso para o estabelecimento de um diálogo com essas pessoas, e de reforço para essas experiências.

***Álvaro Heidrich***

Há muitos professores que têm práticas deste tipo e, portanto, o que está sendo dito aqui parece não dever ser visto como algo extremamente inovador. Por outro lado, as estruturas escolares, os regimentos, os currículos não oportunizam nem estimulam para tanto. Por isso, o que está se propondo a pensar, neste momento, é justamente um modo de atuação, um modo de referência em ensino preocupado com uma espécie de singularidade de olhar geográfico que é necessário que se tenha para superar determinadas defasagens, determinados problemas que existem ainda na aprendizagem de geografia. Critica-se, por exemplo, a memorização de fatos. Respalda-se assim opiniões que reconhecem “uma determinada inutilidade do conhecimento de geografia”. Já ouvi indagações do tipo: “como o meu filho pode ser reprovado numa prova de geografia no vestibular, sendo que ele quer ser médico?”.

Por outro lado, não costumamos desenvolver, por exemplo, uma idéia de memória geográfica como significações de vínculos das pessoas com lugares, ou seja, identidades com lugares, identidades com passado, lembranças que são explicações de lugares. Isso faz referência à vida, à existência (portanto a espaço), embora não tenha cabido como estratégia curricular, como maneira de se pensar o mundo.

***Nelson Rego***

Eu acho que é exatamente isso, Álvaro. Quando proponho a aplicação desse termo, hermenêutica instauradora, para o ensino de geografia e dentro das características que tu falaste, não estou inventando isso, não estou propondo algo inédito, e sim olhando para práticas que estão acontecendo e propondo que elas possam ser chamadas assim.

Quando faço isso, acredito que posso traçar um paralelo com aquilo que Guattari fez quando propôs o termo ecosofia, e justificou a proposição do novo termo como um esforço de enunciação, um agenciamento de enunciação. No livro *As Três Ecologias*, por exemplo, ele fala da existência das três ecologias, em cada uma delas ele está enunciando algo que existe: a ecologia tal como tradicionalmente se considera, a segunda ecologia, das relações de trabalho, amalgamadas com relações políticas e sociais, e uma terceira ecologia, cultural, ecologia de idéias e de produção de subjetividade, todas as três se interpenetrando. Até aí, de certa maneira ele está apenas enunciando o que existe, só que aí ele efetiva um outro passo, que diz o seguinte: existem experiências de ONGs, de comunidades de bairros, de movimentos sociais ligados a vários temas, ou a vários aspectos da vida, que procuram ter uma outra relação com os objetos através dos quais nós fazemos as mediações da nossa vida, e que as pessoas vão buscar graças a novas relações com esses objetos, estabelecendo relações diferentes entre si (o que aliás é muito semelhante ao que a Dirce falava agora há pouco em relação a uma postura educacional do professor se compreender através dos alunos e, através disso, compreender o mundo e novamente com-

preender a si e aos alunos assim por diante). Bom, Guattari, quando faz isso com relação a essas novas ecologias de idéias que tentam nascer dentro da nefasta megaecologia de idéias massivas/serializadas, também está se referindo a algo que de fato já existe, só que quando ele inventa/propõe o termo ecosofia está inventando uma nova maneira de chamar aquilo que está acontecendo, aquilo que é emergente. E como ele justifica essa sua tentativa? Ele diz que o esforço de enunciação, ou agenciamento de enunciação, tem um retorno sobre a própria coisa enunciada. Então, se essas experiências estão acontecendo e são emergentes e nós conseguimos propor um nome que esclarece alguma coisa delas para elas mesmas, isto dá um novo impulso a essas experiências.

Completando o paralelo, quando desloco esse termo da hermenêutica, que é essa proposição feita por Durand acerca da ênfase instauradora (e que Ricoeur e Gadamer consideram que se amalgamam com as interpretações tradicionais), eu desloco essa discussão para o campo da geografia, para o ensino da geografia. Não estou inventando o termo “hermenêutica instauradora”, isso está aí, está proposto. Também não estou inventando essas práticas no ensino de geografia, elas também já estão aí, estão ocorrendo e acredito que sejam emergentes. O que estou fazendo é juntando uma coisa com a outra, propondo que se junte uma coisa com a outra. Isso que está sendo discutido na hermenêutica se aplica a essas experiências no ensino de geografia e acredito que, fazendo assim, esse meu agenciamento de enunciação pode dar um novo impulso, um novo reforço a essas experiências, no sentido que o Álvaro falou, de tanto uns se reconhecerem nos outros, por fazerem experiências semelhantes, como também porque ajuda a esclarecer, de cada um para si mesmo, qual é o caráter da sua prática. Ajuda a pensar “o caráter da minha prática é esse” – fazer uma interpretação do texto que é o espaço geográfico, mas uma interpretação que não se limita apenas a uma apreensão de como as coisas estão dadas, mas uma compreensão de mim enquanto também um sujeito deste texto que eu estou interpretando, no qual eu me incluo e onde a minha interpretação é também um dos elementos constitutivos desse texto, e isso subsidiará uma ação minha e dos meus pares, o que, em alguma medida, mesmo que seja pequena, poderá ter alguma interferência modificadora deste meu texto, ou deste meu contexto, que é o espaço em que eu existo, e que estou lendo.

### *Dirce Suertegaray*

Ouvindo isso me reporto ao Maturana, que, em certa medida, faz uma leitura, quer dizer, se apropria também da hermenêutica para explicar como se produz o conhecimento. Quando o Álvaro fala em alfabetização nos permite pensar que, conforme explica Maturana, esta seria uma aprendizagem enquanto processo contínuo do reconhecimento de si e do mundo, porque à medida que nós estamos querendo reconhecer o mundo nós estamos nos conhecendo no mundo e todo o processo de construção do conhecimento passa exatamente por essa prática. Reconhecer o mundo pressupõe conhecer não só o mundo das pessoas,

mas o mundo das relações entre as pessoas e, como diria o professor Milton Santos, delas com os objetos. E aí nós vamos chegar na concepção do espaço geográfico e de nós inseridos neste espaço. É para isto que Nelson chama a atenção. Na perspectiva do ensino de geografia, essa é uma forma interessante de pensar, exatamente por ser esse um caminho que nos permite revigorar a nossa prática, refletir a partir dela e poder agir de outra forma. Essa compreensão está sempre nos acrescentando conhecimento. Agora, a questão antes colocada ainda se impõe: as práticas individuais e as práticas coletivas estão neste contexto contempladas? A compreensão hermenêutica dos movimentos sociais nos ajudam nesta resposta?

### *Nelson Rego*

Dirce, aí eu penso que uma postura hermenêutica nos daria como resposta que a resposta para a tua pergunta não pode ser nunca formulada *a priori*, no sentido de que há um antagonismo inconciliável, ou de que há necessariamente uma conciliação. Na medida em que essa postura de incentivar os sujeitos a falar, e a falar de si através de suas falas sobre o mundo, é esse processo que vai dando as respostas de como isso – esse aumento das falas e de como elas estabelecem acordos entre si – vai se articular com aquelas análises macro e com a pretensão de uma análise objetiva do mundo como um todo. Eu penso que é uma emergência dessas falas que vai responder quais são as articulações possíveis entre essas duas posturas diferentes. Para mim, são posturas diferentes mas de modo algum excludentes, elas vão encontrando as suas articulações, os seus diversos níveis de costura de articulação.

Em relação à postura marxista dominante nos anos 80, considero ainda como necessária e pertinente para o nosso mundo em crise e exacerbação da deteriorização social criada por um sistema que é cada vez mais produtor de exclusões. Parece-me ainda válida a crítica que o marxismo fez e continua fazendo e sua pretensão de fazer e ter visões mais objetivas sobre o mundo como um todo. A distinção que vejo é que enquanto o marxismo, ao fazer essa análise, estabelece uma espécie de pauta mais fechada de ações, ao se adotar essa postura do diálogo com um número maior de pessoas (que estimula a fala destes que estavam calados e estimula a fala dos locais e o conhecimento produzido a partir do local), o que se estabelece é que esta pauta se amplia enormemente, num certo sentido ela se multifaceta. Agora, se essa pauta ampliada, ou multifacetada, é uma pauta excludente em relação a uma pauta mais restrita, proposta por uma análise mais unitária, eu não sei, e penso que são perigosas as respostas *a priori*. Só o desenvolvimento das posturas que estão acontecendo irá mostrar se há uma excludência ou uma confluência entre essa pauta oriunda de uma visão mais unitária com essa pauta mais ampliada trazida pela emergência das várias vozes.

E aí retorno ao que o Álvaro disse, que me parece realmente importante. Se eu bem entendi, que a partir da minha fala ele ressalta a necessidade de não entender os conceitos

como fixos. Aquela própria alfabetização que se faz em geografia de signos fixos, como o bairro, as cidades, a região, o país. Esses territórios, ou essas dimensionalidades, podem ser refeitas e podem ser refeitas exatamente por esse conhecimento em movimento. Os conceitos já dados, de certa maneira, constituem o mundo vivido de onde as pessoas partem, porque elas vão partir também de conceitos já dados, mas o seu pôr-se em movimento a partir das suas necessidades e a partir da sua perspectiva acontecimental pode justamente gerar esse conhecimento ativo que leva ao refazer dos conceitos anteriores.

Vamos lembrar Paul Ricoeur, quando ele nos diz que sempre há necessidade de interpretar o passado, e aí se interpreta com os conceitos já dados – essa interpretação arremessa para adiante um projeto, um projeto em estado embrionário, subconscientemente formulado. Só que esse projeto embrionário, arremessado para adiante, força também o seu esclarecimento e, esse forçar o esclarecimento força também a revisão dos conceitos com os quais se interpretaram as coisas já acontecidas. Então, o já acontecido lança adiante um projeto a ser alcançado e, por sua vez, o projeto a ser alcançado refaz os modos de interpretar o já acontecido, numa dialética constantemente reposta, estar parece que está, no caso da geografia, posta na fala do Álvaro, quando ele diz da necessidade de refazer os conceitos relacionados com a territorialidade, por exemplo, nos recortes territoriais através dos quais a gente pensa a nossa situação no mundo. O Álvaro fala da necessidade de pensar sobre isso de outros modos. Penso que o pôr-se em movimento a partir desse conhecimento ativo gerado pela perspectiva local e acontecimental é um pôr-se em movimento que pode refazer também esses conceitos. Como é que isso se articulará com uma análise mais unitária, vinda do marxismo, por exemplo? Bom, repetindo a minha visão, é algo a ser experienciado, e não algo para o qual deva ser dada uma resposta apriorística, no sentido de dizer “é excludente”, mecanicamente excludente, ou, ao contrário, mecanicamente complementar. Acho que esse movimento dará respostas que, suponho, serão respostas de uma costura lenta de várias articulações, de caminhos diferentes que podem se encontrar, valorizando tanto aquela pauta mais coesa dada por uma análise mais unitária como também aquela pauta multifacetada, ligada a certas pulsações da vida cotidiana e que serão expostas e valorizadas pelas pessoas que falarem mais a respeito de si mesmas enquanto falam do mundo, e enquanto falam do mundo falam de si.

### *Dirce Suertegaray*

Tomando esta referência agora, me reporto à prática dos geógrafos: será que nos anos 90, 2000 estamos nós na geografia vivendo uma prática que pode ser compreensivamente percebida como uma hermenêutica instauradora, na medida em que se visualiza uma construção da geografia, a partir do trabalho dos geógrafos que é resultado de um movimento que hoje emerge em vários lugares, de diferentes maneiras? Estas práticas estariam construindo a partir do conhecimento de si na relação com os outros toda uma perspectiva nova não só de compreender, mas até de gestar o espaço geográfico? Estas

práticas nos colocam um desafio: refletir sobre a Geografia desta última década e do início deste novo século.

Recentemente, voltando de uma viagem eu venho com a informação de que existem inúmeros geógrafos atuando em práticas administrativas, seja no poder local, seja no estadual, por todo o Brasil, assim como engajados nos movimentos sociais. De onde vem a abertura para estas práticas? É visível que vem do movimento do mundo e também do movimento construído pela própria geografia, desde os anos 70, que hoje pode ser lido como uma construção hermenêutica instauradora.

**Nelson Rego**

Penso que sim, penso que essa construção pode ser chamada de um diálogo hermenêutico e instaurador.

## Bibliografia

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O Ar e os Sonhos, Ensaio Sobre a Imaginação do Movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- DURAND, Gibert. *A Imaginação Simbólica*. São Paulo: Cultrix – EDUSP, 1988.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos. Obras Completas*, vol. IV, Rio de Janeiro: IMAGO, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Escritores Criativos e Devaneio. Obras Completas*, vol. IX, Rio de Janeiro: IMAGO, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Leonardo da Vinci: Uma Lembrança da sua Infância. Obras Completas*. Vol. XI Rio de Janeiro: IMAGO, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Luto e Melancolia. Obras Completas*. Vol. XIV, Rio de Janeiro: IMAGO, 1980.
- \_\_\_\_\_. *O Futuro de uma Ilusão. Obras Completas*, vol. XXI, Rio de Janeiro: IMAGO, 1980.
- \_\_\_\_\_. *O Mal-Estar na Civilização. Obras Completas*, vol. XXI, Rio de Janeiro: IMAGO, 1980.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método: Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (Des)Caminhos do Meio-Ambiente*. São Paulo: Contexto, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Paixão da Terra; Ensaio Crítico de Geografia e Educação*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.

- \_\_\_\_\_. *Caosmose*. Rio de Janeiro: Trinta e Quatro, 1997.
- GUATTARI, Félix, e DELEUZE, Gilles. *Os Mil Platos*, Rio de Janeiro: Trinta e Quatro, 1995.
- HEIDRICH, Álvaro e outros. A Itinerância e o Acampamento, Condição e Situação para o Ensino de Geografia no MST. In REGO, N.; SUERTEGARAY, D.; HEIDRICH, A. (Org.) *Geografia e Educação: Geração de Ambiências*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.
- MATURANA, R. H. *Emociones y Lenguaje en Educación y Política*. Colección Hachette/Comunicación. Santiago do Chile: CED Ediciones Pedagógicas Chilenas, S.A., 1994.
- MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Porto Alegre, Sulina, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O Método. As Idéias: Habitat, Vida, Costumes, Organizações*. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- RICOEUR, Paul. *O Conflito das Interpretações, Ensaio de Hermenêutica (Hermenêutica e Psicanálise)* Porto-Portugal: Rés Editora, sd.
- \_\_\_\_\_. *O Si-Mesmo Como Um Outro*. Campinas: Papyrus, 1991.
- ROSSI, Dariane. Deficiência Visual: Desafios para o Ensino Especial e a Geografia em Sala de Aula, em *Geografia e Educação: Geração de Ambiências* In REGO, N.; SUERTEGARAY, D.; HEIDRICH, A. (Org.). Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.
- REGO, Nelson. Apresentando um Pouco do que Sejam Ambiências e suas Relações com a Geografia e a Educação, em *Geografia e Educação: Geração de Ambiências*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.
- REGO, Nelson, SUERTEGARAY, Dirce, HEIDRICH, Álvaro. *Geografia e Educação: Geração de Ambiências*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço, Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Por Uma Outra Globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SUERTEGARAY, Dirce. O que Ensinar em Geografia (Física)?, In REGO, N.; SUERTEGARAY, D.; HEIDRICH, A. (Org.) *Geografia e Educação: Geração de Ambiências*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

#### RESUMEN

El artículo se presenta estructurado a través de un diálogo para que mejor se pueda comunicar la dimensión dialógica sobre la cual se reflite, que es la red de prácticas desatolladas en los Cursos Graduación y Postgrado en Geografía, en la Universidade Federal do Rio Grande do Sul, en lo que se refiere a la relación geografía / educación en las prácticas extensionistas. La geografía y la enseñanza de la geografía son propuestas como una hermenéutica, en el sentido de que una hermenéutica puede ser entendida como un sistema de conceptos que se definen en la relación entre sí y que, en su conjunto, aplicados al análisis de un texto, son capaces de enunciar aspectos de ese texto inaccesibles a una lectura restringida al

#### ABSTRACT

The study is presented through a dialogue to best communicate the dialogic dimension about which it reflects, that is the practical work developed at Universidade Federal do Rio Grande do Sul in the graduation and post-graduation geography courses, concerning geography/education in a extension practice. Geography itself and the teaching of geography are proposed as hermeneutics, meaning that in can be understood with a concept system which defines itself in an interrelated way. In this way, the text interpreted by geography in the geographical space. Geography and the teaching of geography are also proposed as established hermeneutics that is, the interpretation not only finds a final meaning in interpre-



nivel de lo que solamente se manifiesta inmediatamente, siendo que el sistema interpretativo termina por definir el propio entendimiento de lo que pueda ser el texto, para más allá de lo que usualmente entendemos como sienta texto propiamente dicho. Ejemplos: los sueños, los lenguajes corporales, la arquitectura. El texto interpretado por la geografía es el espacio geográfico. La geografía y la enseñanza de la geografía son también propuestos, más específicamente como una hermenéutica instauradora, en el sentido de que la interpretación no encuentra solamente un punto final en la interpretación del objeto, sino que también un punto inicial – propositivo, deseoso – para la intervención transformadora en la relación con el objeto. Tres ejemplos diferenciados de prácticas son planteados y debatidos.

ting the object, but also a starting point. Three different practice examples are shown and analysed in our study.

**PALABRAS-CLAVE**

Geografía – Educación – Red Dialógica – Hermenéutica.

**KEY WORDS**

Geography – Education – Dialogic – Hermeneutics.

---

Recebido para publicação em 10 de junho de 2001.